

## A VIDA E A GREVE DOS METALÚRGICOS

NA FÁBRICA OCUPADA — 10 DE JUNHO DE 1936

Enfim se respira! Greve dos metalúrgicos. O público que vê tudo isso de longe não compreende nada. O que é que é? Um movimento revolucionário? — Mas tudo está calmo. — Um movimento reivindicatório? — Mas, por que tão profundo, tão geral, tão forte e tão súbito?

Quando certas imagens se aprofundaram no espírito, no coração, na própria carne, compreende-se. Compreende-se logo. É só deixar que as lembranças venham à tona.

Uma fábrica, em algum lugar do subúrbio, num dia de primavera, durante os primeiros calores tão opressivos para os que penam. O ar é pesado com cheiros de pintura e verniz. É meu primeiro dia nesta fábrica. Na véspera me tinha parecido acolhedora: ao fim de um dia inteiro medindo ruas, apresentando certificados inúteis, enfim este escritório de empregos se interessou por mim. Como evitar, no primeiro momento, um sentimento de gratidão? Aqui estou eu diante de uma máquina. Contar 50 peças... colocá-las uma a uma na máquina, deste lado, do outro não... manejar uma alavanca de cada vez... tirar a peça... colocar uma outra... mais outra... contar outra vez... Não vou com a rapidez necessária. Começa o cansaço. É

preciso forçar, impedir que um minuto de parada separe um movimento do movimento seguinte. Mais depressa, ainda mais depressa! Vamos! Ah! Uma peça que coloquei do lado errado. Será a primeira? É preciso prestar atenção. Esta peça está bem colocada. Aquela também. Quantas fiz nos últimos 10 minutos? Não tenho velocidade. Forço ainda. Pouco a pouco a monotonia da tarefa me leva à distração. Durante alguns segundos penso numa porção de coisas. Despertar brusco; quantas fiz? Não deve ser o bastante. Não distrair-me. Forçar ainda. Se, pelo menos, soubesse quantas é preciso fazer! Olho em volta de mim. Ninguém levanta a cabeça. Nunca. Ninguém sorri! Todo mundo está calado. Como se está só! Faço 400 peças por hora. Saber se é o bastante. Contanto que pelo menos me mantenha nesta cadência... Toque de meio-dia enfim. Todo mundo se precipita em direção ao relógio de ponto, para o vestiário, fora da fábrica. É preciso ir comer. Ainda tenho um pouco de dinheiro, felizmente. Mas é preciso prestar atenção. Quem sabe se vão me deixar aqui? Se não vou ficar desempregado ainda por dias e dias? É preciso ir a um desses restaurantes sórdidos que ficam em volta das fábricas. Aliás, eles são caros. Alguns pratos parecem até tentadores, mas são os outros que é preciso escolher, os mais baratos. Comer ainda custa um esforço. Esta refeição não ajuda a relaxar os nervos. Que horas são? Ainda há alguns minutos para bater perna. Mas, nada de ir muito longe; chegar um minuto atrasado é trabalhar uma hora sem salário. A hora anda. É preciso voltar. Aqui está a minha máquina. Aqui estão minhas peças. Recomeçar. Ir depressa... Sinto-me desfalecer de cansaço e de desânimo. Que horas são? Ainda 2 horas antes da saída. Como vou poder agüentar? Chega o contramestre. "Quantas você faz? 400 por hora? É preciso 800. Se não, você não fica. Se, a partir de agora, você fizer 800 talvez eu concorde e você fica". Fala sem levantar a voz. Para que levantar a voz, se com uma palavra pode provocar tanta angústia? Que responder? "Vou tentar". Forçar. Forçar ainda. Vencer, em cada segundo, este desgosto, este desânimo que paralisam. Mais depressa. Tratar-se de dobrar a cadência. Quantas fiz ao fim de uma hora? 600.

O sinal. Bater ponto, vestir-se, sair da fábrica com o corpo esvaziado de toda energia vital, a alma oca de pensamentos, o coração mergulhado no desgosto, raiva muda e, acima de tudo isso, um sentimento de impotência e de submissão. Porque a única esperança para o dia seguinte é que se dignem deixarem passar ainda um dia como este. Quanto aos dias que virão depois, estão muito longe. A imaginação se recusa a percorrer um número tão grande de minutos tristes.

No dia seguinte condescendem em deixar-me voltar à máquina, embora na véspera eu não tivesse conseguido fazer as 800 peças exigidas. Mas vai ser preciso fazê-las agora de manhã. Mais depressa. Vem o chefe. Que será que vai me dizer? "Parê". Paro. O que é que querem? Me mandar embora? Espero uma ordem. Em vez de uma ordem o que vem é uma bronca seca, sempre no mesmo tom breve: "Quando se diz para parar é preciso ficar de pé para ir a outra máquina. Aqui ninguém dorme". Que fazer? Calar-me. Obedecer imediatamente. Ir imediatamente para a máquina para a qual me designam. Executar docilmente os gestos que me indicam. Nem um movimento de impaciência; qualquer movimento de impaciência se traduz em lentidão ou desajeitamento. A irritação é boa para os que comandam, para os que obedecem é proibida. Uma peça. Ainda uma peça. Será que faço bastante? Depressa. Cuidado, quase estraguei uma peça. Cuidado! Estou diminuindo o ritmo. Depressa. Mais depressa...

Que mais lembranças? Um vestiário de fábrica, durante uma semana de inverno rigoroso. O vestiário não tem aquecimento. Entra-se lá, às vezes logo depois de ter trabalhado diante de um forno. É um movimento de recuo, como num banho frio. Mas é preciso entrar. É preciso passar 10 minutos ali. Meter na água gelada as mãos cheias de cortes, em carne viva, esfregá-las vigorosamente com serragem de madeira para tirar um pouco a graxa e a poeira preta. Duas vezes por dia. É claro que se podem suportar sofrimentos ainda mais dolorosos, mas estes são tão inúteis! Queixar-se à direção? Ninguém pensa nisso nem por um momento: "Eles nem se importam conosco". É verdade? Não é verdade? — mas, em todo caso é a

impressão que nos dão. Ninguém quer arriscar-se a ser reprecendido. O melhor é agüentar tudo isso em silêncio. Pelo menos é menos doloroso.

*Conversas na fábrica.* Um dia, uma operária traz ao vestiário um garoto de 9 anos. Chovem as gozações. “Você trouxe ele para trabalhar?” Ela responde: “Bem que eu gostaria que ele pudesse trabalhar”. Tem dois garotos e um marido doente para cuidar. Ganha entre 3 e 4 francos por hora. Sonha com o momento em que, afinal, este garoto possa ser trancado o dia inteiro numa fábrica para ganhar alguns centavos. Uma outra, boa colega e afetuosa, respondendo sobre a sua família. “Você tem filhos?” — “Não, felizmente. Isto é, um, mas morreu”. Fala de um marido doente que teve de cuidar durante oito anos. “Morreu, felizmente...”. Os sentimentos são belos, mas a vida é dura demais.

*Cenas de pagamento.* Desfila-se como rebanho diante do guichê, sob o olhar da chefia. Ninguém sabe quanto vai ganhar; seria preciso fazer sempre cálculos tão complicados que ninguém consegue; muitas vezes aí vem o arbitrário. Impossível evitar o sentimento de que esta ninharia de dinheiro passado pelo guichê é, no fim das contas, uma esmola.

*A fome.* Ganhando 3 francos por hora, ou até 4 francos, ou mesmo um pouco mais, basta um azar, uma interrupção de trabalho, uma ferida, para ter de ficar uma semana ou mais trabalhando com fome. Não a subalimentação — essa pode existir em regime de permanência, mesmo sem azar — mas a fome. A fome unida a um trabalho físico duro é uma sensação dolorosa. É preciso trabalhar tão depressa como de costume, sem isso não se vai comer ainda o bastante na próxima semana. E, por acréscimo, vem o risco dos gritos por produção insuficiente. Talvez até ser despedido. Não será desculpa dizer que se está passando fome. Passa-se fome, mas é preciso, mesmo assim, satisfazer às exigências dessas pessoas pelas quais a gente pode, de um momento a outro, ser condenado a passar ainda mais fome. Quando não se agüenta mais, é só forçar. Sempre forçar. Saindo da fábrica, entrar logo em casa para evitar a tentação de jantar, e esperar a hora do sono que, aliás, será perturbado porque mesmo de noite se tem fome. No dia

seguinte, forçar de novo. Todos estes esforços terão a sua compensação: aquelas notinhas, aquelas moedinhas que se vão receber através do guichê. Que mais pedir? Não temos direito a nada. Obedecer e calar, é para isso que estamos aí. Por oito horas de trabalho.

*Contar centavo por centavo.* Durante 8 horas de trabalho é contar centavo por centavo. Quantos centavos trairão estas peças? Quanto ganhei nesta hora? E na hora seguinte? Saindo da fábrica, ainda se está contando centavo por centavo. É tão grande a necessidade de relaxar que todas as lojas atraem. Poderei tomar um café? Mas são 10 centavos. Ontem já tomei um. Ainda me restam tantos centavos para a quinzena. E estas cerejas? Custam tantos centavos. Feira: quanto as batatas aqui? Duzentos metros adiante elas custam menos 20 centavos. É preciso impor esses 200 metros a um corpo que se recusa a andar. Os centavos se transformam numa obsessão. Nunca mais, por causa deles, é possível esquecer a sujeição da fábrica. Nunca o sossego. Ou, se fizer uma loucura — uma loucura no valor de alguns francos — é a fome a suportar. É preciso que isso não aconteça muitas vezes: no fim, a gente trabalha menos depressa, e num círculo impiedoso a fome geraria ainda mais fome. É preciso não cair nesse círculo. Ele leva ao esgotamento, à doença, à morte. Porque, quem não pode mais produzir depressa não tem mais direito a viver. Não se vêem homens de 40 anos recusados por toda parte, em todas as agências de emprego, sejam quais forem as suas qualificações? Aos 40 anos já se é considerado como incapaz. Ai dos incapazes!

*O cansaço.* O cansaço deprimente, amargo, por vezes doloroso a tal ponto que se deseja a morte. Todo mundo, em todas as situações, sabe o que é estar cansado, mas este cansaço precisaria de um nome à parte. Homens vigorosos, na força da idade, adormecem de cansaço no banco do metrô. Não depois de um dia de trabalho “quente”, mas depois de um dia de trabalho normal. Um dia como virá outro no dia seguinte, e outro, sempre. Descendo a rampa do metrô, ao sair da fábrica, vem uma angústia assaltar o pensamento: será que vou encontrar um lugar sentado? Seria muito duro ter de ficar de pé.

Mas é comum viajar de pé. Cuidado então que o excesso de cansaço o impeça de dormir! Af seria preciso forçar ainda um pouco mais no dia seguinte.

*O medo.* São raros os momentos do dia em que o coração não está um pouco comprimido por alguma angústia. De manhã, a angústia do dia a se viver. Nos ramais do metrô que levam para Billancourt, entre 6 e 6h:30 da manhã, a maioria dos rostos vão contraídos por essa angústia. Quem saiu em cima da hora tem medo do relógio de ponto. No trabalho, o medo de não estar na velocidade boa, para os que têm dificuldade de atingi-la. O medo de "matar" peças forçando a cadência, porque a velocidade produz uma espécie de embriaguez que anula a atenção. O medo de todos os pequenos acidentes que podem ser causa de peças estragadas ou de ferramenta quebrada. De uma forma geral, o medo das broncas. Muitos sofrimentos são aceitos só para evitar uma bronca. A menor delas é uma humilhação dura, porque não se ousa responder. E quantas coisas podem provocar uma bronca! A máquina foi mal regulada pelo regulador; uma ferramenta é de aço ruim; impossível colocar bem as peças; vem a bronca. Vai-se procurar o chefe pela seção para ter serviço, o que se consegue é ser barado. Se o tivesse esperado na gaiola, seria também uma bronca. Queixar-se de um trabalho pesado demais ou de uma cadência impossível de acompanhar, brutalmente vem lembrar-lhe que está ocupando um lugar que centenas de desempregados aceitariam de boa vontade. Mas, para ousar queixar-se, é preciso realmente já não agüentar mais. Pedir um lugar menos pesado? Seria preciso confessar que não é possível mais ocupar aquele em que se está. Corre-se o risco de ser posto pra fora. É preciso serrar os dentes. Agüentar-se. Como um nadador na água. Só que com a perspectiva de nadar sempre, até a morte. E nenhuma barca que nos possa recolher. Se a gente se afunda lentamente, se soçobra, ninguém no mundo dará por isso. O que é que a gente é? Uma unidade na força de trabalho. A gente não conta. Mal existe.

*A sujeição.* Nunca fazer nada, por menos que seja, que se constitua numa iniciativa. Cada gesto é, simplesmente, a execução de uma ordem. Pelo menos para os operadores da má-

quina. Numa máquina para uma série de peças, cinco ou seis movimentos simples são indicados, e basta apenas repeti-los a toda velocidade. Até quando? Até que se receba ordem para fazer outra coisa. Quanto tempo durará esta série de peças? Até que o contramestre dê outra série. Quanto tempo ficarei nesta máquina? Até que o encarregado dê ordem de ir para outra. A cada momento estamos na contingência de receber uma ordem. A gente é uma coisa entregue à vontade de outro. Como não é natural para um homem transformar-se em coisa, e como não há coação visível (chicote, cadeias), é preciso doar-se a si próprio em direção a esta passividade. Que vontade de poder largar a alma no cartão de entrada e só retomá-la à saída! Mas não é possível. A alma vai com a gente para a oficina. É preciso o tempo todo fazê-la calar-se. Na saída, muitas vezes não a temos mais, porque estamos cansados em excesso. Ou, se a temos ainda, que sofrimento, quando chega a noite, reparar no que fomos durante 8 horas nesse dia, e que no dia seguinte serão ainda 8 horas, e também no dia seguinte do dia seguinte...

Que mais? A extraordinária importância que adquirem a benevolência ou a hostilidade dos superiores imediatos, reguladores, chefes de seção, mestres, os que dão, dentro de seus critérios, o "bom" ou o "mau" serviço, que podem a seu bel-prazer ajudar ou repreender nos golpes de azar. A contínua necessidade de não desagradar. A necessidade de responder às palavras brutais sem o menor sinal de mau humor, e até com deferência, se for o chefe. Que mais? O "serviço chato" mas cronometrado sobre o qual a gente se arrebenta para não perder o bom, porque então seria o risco da bronca por falta de rapidez; o cronometrista nunca está errado. E, se isso acontecesse muitas vezes, o risco é ser despedido. E, mesmo se arrebitando, não se ganha praticamente nada, justamente porque é um serviço ruim. Que mais? Mas basta. Basta, para mostrar o que é uma vida assim, e que, se a gente se sujeita é, como diz Homero falando dos escravos, "bem a contragosto, sob a pressão de uma dura necessidade".

Assim que se sentiu a pressão enfraquecer, imediatamente os sofrimentos, as humilhações, as revoltas, as amargu-

ras silenciosamente acumuladas anos a fio foram o suficiente para se tornarem uma força capaz de afrouxar o nó. Aí está toda a história da greve. Não há outra.

Burgueses inteligentes pensaram que a greve tinha sido provocada pelos comunistas para perturbar o novo governo. Eu mesma ouvi um operário inteligente dizer que no começo a greve, sem dúvida, tinha sido provocada pelos patrões para perturbar este mesmo governo. Coincidência engraçada. Mas não era preciso nenhuma provocação. Estávamos dobrados de baixo do cabresto. Assim que o arrocho afrouxou, a cabeça se levantou. Só isso, nada mais...

Como foi que isso aconteceu? Oh! Muito simplesmente. A unidade sindical não foi um fator decisivo. É claro, é um grande trunfo, mas que representa muito mais em outras correntes do que entre os metalúrgicos da região parisiense, entre os quais, há um ano, não havia senão alguns milhares de sindicalizados. O fator decisivo, é preciso dizer, foi o governo do Fronte Populaire. Em primeiro lugar, pôde-se enfim — enfim! — fazer uma greve sem polícia, sem guardas em redor. Mas isso vale para todas as corporações. O que conta acima de tudo é que as fábricas de mecânica trabalham quase todas para o Estado e dependem dele para não ir à falência. Isso, todo operário sabe. Cada operário, vendo chegar ao poder o partido socialista, sentiu que, diante do patrão, ele já não era mais o mais fraco. A reação foi imediata.

Por que os operários não esperaram pela formação do novo governo? Segundo penso, não é preciso procurar aí manobras maquiavélicas. Tampouco nos devemos apressar concluindo que a classe operária desconfia dos partidos ou do Estado. Desse raciocínio viriam depois sérias desilusões. É claro que é reconfortante constatar que os operários ainda preferem cuidar eles mesmos de seus próprios negócios em vez de os confiar ao governo. Mas não foi, acho eu, este estado de espírito que determinou a greve. Não. Em primeiro lugar, faltou a força para esperar mais. Quem já sofreu sabe que quando se vai ser liberado de um sofrimento muito longo e muito pesado, os últimos dias de espera ficam insuportáveis. Mas o fator

essencial está em outro ponto. O público, e os patrões, e o próprio Léon Blum\* e todos os que desconhecem esta vida de escravos não são capazes de compreender o que é que foi decisivo nesta história. Trata-se, neste movimento, de algo bem diferente de tal ou qual reivindicação particular, por mais importante que fosse. Se o governo tivesse conseguido satisfação plena e total com meras negociações, a gente teria ficado muito menos contente. Trata-se do seguinte: depois de ter vivido sempre dobrado, suportando, agüentando tudo em silêncio durante meses e anos, ousar, finalmente, levantar-se. Ficar de pé. Chegou a vez de falar, de sentir-se homem, durante alguns dias. Independentemente das reivindicações, esta greve é, em si mesma, uma alegria. Uma alegria pura. Uma alegria sem mistura.

Sim, uma alegria. Fui ver os colegas numa fábrica onde trabalhei há alguns meses. Passei com eles algumas horas. Que alegria, entrar na fábrica com a autorização sorridente de um operário que vigiava a porta. Alegria de encontrar tantos sorrisos, tantas palavras de acolhimento fraterno. Como a gente se sente entre colegas nessas oficinas em que, quando eu estava lá, cada um se sentia tão só, atrás de sua máquina! Alegria de ouvir, em vez do barulho impiedoso das máquinas, símbolo tão patente da necessidade dura que nos dobrava, música, cantos e risos. Passeando entre essas máquinas às quais durante tantas e tantas horas foi dado o melhor da substância vital; e elas se calam, não cortam mais dedos, não fazem mais mal. Alegria de passar de cabeça alta diante dos chefes. Deixamos, por fim, de ter que lutar a cada instante para conservar a dignidade aos próprios olhos, contra uma tendência quase invencível de se submeter de corpo e alma. Alegria de ver os chefes tomando-se familiares, por força, apertando mãos, renunciando completamente a dar ordens. Alegria de os ver esperar a sua vez, docilmente, para apanhar o cartão de saída que o comitê de greve consente em lhes dar. Alegria de dizer o que está no coração para todo mundo, chefes e

\* Chefe do governo socialista francês da Frente Popular em 1936. (N. da organizadora.)

colegas nesses lugares onde dois operários podiam trabalhar meses seguidos, lado a lado, sem que nenhum dos dois soubesse o que o vizinho pensava. Alegria de viver entre estas máquinas mudas no ritmo da vida humana — o ritmo que corresponde à respiração, às batidas do coração, aos movimentos naturais — e não na cadência imposta pelo cronometrista. É claro que esta vida dura vai recomençar dentro de alguns dias. Mas ninguém pensa nisso, como os soldados de licença durante a guerra. Além do que, aconteça o que acontecer depois, e sempre houve isto, agora. Finalmente, pela primeira vez, e para sempre, haverá em torno destas máquinas pesadas outras lembranças fluando, e não só as do silêncio, da opressão, da submissão. Lembranças que põem um pouco de orgulho no coração, que deixarão um pouco de calor humano em cima de todo esse metal.

Relaxamos completamente. Não temos essa energia ferrozmente tensa, essa resolução misturada com angústia que tantas vezes aparece nas greves. Há resolução, é claro, mas sem angústia. Estamos felizes. Cantamos, não a INTERNACIONAL, não a JOVEM GUARDA; cantam-se canções, simplesmente, e está tudo bem. Alguns fazem brincadeiras, todos riem pelo prazer de rir. Ninguém é ruim. É claro que a gente gosta de mostrar aos chefes que eles não são os mais fortes. Chegou a vez deles. Isso faz bem. Mas a gente não é cruel. Estamos muito contentes. Temos a certeza de que os patrões vão ceder. Acreditamos que virá um golpe duro ao fim de alguns meses, mas estamos preparados. Pensamos que, se alguns patrões vão fechar suas fábricas, o Estado as assumirá. Nem por um momento alguém se pergunta se ele poderá pô-las em funcionamento nas condições desejadas. Para todo francês o Estado é uma fonte de riqueza inesgotável. A idéia de negociar com os patrões, de se fazer média, não está na cabeça de ninguém. A gente quer obter o que pede. Queremos obter porque as coisas pedidas, nós as desejamos, e sobretudo porque, depois de ter ficado por tanto tempo dobrados, já que levantamos a cabeça, não queremos ceder. Não queremos que nos enganem, não queremos ser tomados por imbecis. Depois

de termos executado passivamente tantas e tantas ordens, é bom demais poder, enfim, por uma única vez, dar ordens àqueles que nos comandavam. Mas o melhor de tudo é sentir-mo-nos tão irmãos...

É as reivindicações, o que se pensar delas? É preciso re- parar primeiro num fato bem compreensível, mas muito grave. Os operários fazem a greve, mas deixam aos militantes o cuidado de estudar o por menor das reivindicações. A ruga da passividade contraída cotidianamente durante anos e anos não se perde em alguns dias, nem mesmo em alguns dias tão lindos. E depois, não é no momento em que, por alguns dias, nos evadimos da escravidão, que poderemos encontrar dentro de nós a coragem de estudar as condições da opressão sob a qual estivemos curvados dia a dia, e sob a qual ainda nos vamos curvar. Não é possível pensar nisso o tempo todo. Há limites para as forças humanas. Contentamo-nos em gozar, plenamente, sem segundas intenções, o sentimento de que enfim contamos para alguma coisa; que vamos sofrer menos que vamos ter férias pagas — disso se fala com os olhos brilhando, é uma reivindicação que ninguém vai mais tirar do coração da classe —, que vamos ter melhores salários e alguma coisa para dizer na fábrica, e que tudo isso não vai ser simplesmente conseguido, mas imposto. Por uma vez deixamo-nos embalar por esses doces pensamentos e ninguém entra em detalhes!

Ora, este movimento levanta graves problemas. O problema central, a meu ver, é a relação entre as reivindicações materiais e as reivindicações morais. É preciso encarar as coisas de frente. Os salários exigidos ultrapassam as possibilidades das empresas dentro do regime atual? Se sim, o que pensar? Não se trata somente da metalurgia, já que com razão o movimento reivindicatório se estendeu a outras categorias. Então? Vamos assistir a uma nacionalização progressiva da economia sob o embalo das reivindicações operárias, a uma evolução rumo à economia de Estado e ao poder totalitário? Ou a um agravamento do desemprego? Ou a um recuo dos operários obriga-

\* Só em 1936 os operários franceses tiveram direito às férias pagas.

dos a baixar a cabeça mais uma vez sob a pressão das necessidades econômicas? Em cada um desses casos, este belo movimento teria um triste fim.

Quanto a mim, percebo uma outra possibilidade. Na verdade, é delicado falar disso publicamente neste momento todo especial. Em pleno movimento reivindicatório dificilmente se ousa sugerir que se limitem voluntariamente as reivindicações. Tanto pior! Que cada uma assuma suas responsabilidades. Quanto a mim, acho que seria o momento favorável, se o soubessem utilizar, para formar o primeiro embrião de um controle operário. Os patrões não podem conceder satisfações ilimitadas, está bem; mas que, pelos menos, eles não sejam mais os únicos juízes do que podem ou dizem poder. Que por toda parte onde os patrões apresentam como motivo de resistência a necessidade de manter o orçamento em equilíbrio, que os operários formem uma comissão de controle das contas constituída por alguns deles, um representante do sindicato, um técnico membro de organização operária. Por que motivo, desde que a distância entre as reivindicações e as ofertas do patronato fosse grande, não aceitariam reduzir bastante as suas pretensões até que a situação da empresa melhorasse e sob a condição de um controle sindical permanente? Por que, também, não prever no contrato coletivo, para empresas que estivessem à beira da falência, uma possível derrogação das cláusulas que dizem respeito aos salários, sob a mesma condição? Haveria então, finalmente, e pela primeira vez, depois de um movimento operário uma transformação duradoura nas relações de forças. Esse ponto merece ser meditado com seriedade pelos militantes responsáveis.

Um outro problema, que diz respeito mais particularmente às galés da mecânica, também deve tomar-se em consideração. É a repercussão das novas condições de salários na vida cotidiana da oficina. Inicialmente, a desigualdade entre as categorias vai ser mantida integralmente ou diminuída? Seria deplorável mantê-la. Tirá-la, um alívio, um progresso prodigioso para melhorar as relações entre os operários. Se numa fábrica a gente se sente só, e muito só, em grande parte é por causa do

obstáculo nas relações de companheirismo, e esse obstáculo nasce das pequenas desigualdades, que são grandes, em relação aos magros salários. Quem ganha um pouco menos tem inveja de quem ganha um pouco mais. O que ganha um pouco mais despreza o que ganha um pouco menos. É assim. Não para todos, mas é assim para muitos. Não se pode, é claro, estabelecer ainda a igualdade, mas, pelo menos, podem-se diminuir consideravelmente as diferenças. É preciso fazer isso. Mas, eis o que me parece gravíssimo. Para cada categoria vamos ter um salário mínimo. Mas permanece o trabalho por peças. O que é que vai acontecer então no caso dos "cartões amarelos", isto é, no caso em que o salário calculado com base nas peças executadas venha a ser inferior ao salário mínimo? O patrão acertará a diferença, subentende-se. O cansaço, a falta de vivacidade, o azar de cair no "trabalho pesado" ou de trabalhar com uma máquina desregulada não vão mais ser punidos automaticamente por uma redução quase ilimitada dos salários. Não vamos mais ver uma operária ganhar 12 francos num dia porque teve de esperar 4 ou 5 horas para que acabassem de consertar sua máquina. Muito bem. Mas é para se reccar então que esta injusta punição de um salário irrisório seja substituída por um castigo ainda mais cruel: a despedida. O chefe vai saber quais são os operários cujos salários foram acertados para atender à cláusula do contrato, vai saber quais os operários que ficaram maior número de vezes abaixo do mínimo. Poderemos impedi-lo de mandar para a rua por causa de rendimento insuficiente? Os poderes do delegado da seção podem chegar a esse ponto? Acho quase impossível, sejam quais forem as cláusulas do contrato coletivo. A partir de então, é para se reccar que a melhoria dos salários corresponda a uma nova agravante das condições morais do trabalho que já curva o corpo, o coração e o pensamento. Uma lei sem piedade, desde uns 20 anos para cá, parece fazer com que tudo sirva para a aceleração da cadência.

Não me perdoaria se terminasse com um registro triste. Nestes dias os militares têm uma terrível responsabilidade. Ninguém sabe como vão caminhar as coisas. Várias catástrofes são temidas. Mas nenhum medo apaga a alegria de ver levantando a cabeça aqueles que, por definição, sempre a curvam.

Apesar do que se pensa fora, eles não têm esperanças ilimitadas. Nem seria exato falar de esperanças, em geral. Eles bem que sabem que, apesar das melhorias conquistadas, o peso da opressão social, por um momento afastado, vai recair sobre eles. Sabem que vão se encontrar sob uma dominação dura, seca e sem considerações. Mas o que é ilimitado é a felicidade presente. Enfim, se afirmaram. Finalmente fizeram seus senhores sentir que eles existem. Submeter-se pela força é duro; deixar que acreditem que consentimos em nos submeter, é demais. Hoje ninguém pode ignorar que aqueles a quem se deu nesta terra o papel de se dobrarem, de se submeterem, de se calarem, curvam-se, submetem-se e só se calam na medida exata em que não podem fazer outra coisa. Algo mais? Vamos, enfim, assistir a uma melhoria efetiva e duradoura das condições do trabalho industrial? O futuro o dirá; mas não se deve esperar por esse futuro, é preciso fazê-lo.

(De *La condition ouvrière*)



Cartão de identificação na fábrica



Durante a resistência